



# XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

## (RE)PRODUÇÃO DA RELAÇÃO DE DOMINAÇÃO-EXPLORAÇÃO GERADA PELO PATRIARCADO

Alana Morais Vanzela (1)

*Universidade Estadual de Maringá-UEM, graduanda do Curso de Serviço Social e bolsista do PIBEX pela Fundação Araucária-UEM, alanavanzela@gmail.com.*

Elizete Conceição Silva (2)

*Universidade Estadual de Maringá-UEM, Docente Adjunto do Departamento de Ciências Sociais. elizetecsilva2007@gmail.com.*

### Introdução

Este trabalho parte de uma pesquisa em andamento intitulada: “Subjetividade e Linguagem: A representação da mulher no espaço cinematográfico”, a qual objetiva a compreensão e problematização do papel social desempenhado pela mulher.

A relação de dominação-exploração estabelecida nas sociedades patriarcais necessita ser questionada, pois as ações desempenhadas socialmente possuem uma finalidade que nem sempre visa uma relação igualitária e justa entre os indivíduos. Desnaturalizar o cotidiano não é um empreendimento fácil, ele requer esforço cognitivo de estranhamento sobre as condutas sociais que se encontram internalizadas, porém, faz-se necessário romper com a suposta conformidade com que tais estruturas sociais se apresentam, para que se possa estabelecer subsídios para a resistência simbólica, frente aos antagonismos manifestos.

A presente pesquisa justifica-se por estar paramentada com a realidade social de violência que pode ser atestada pelo balanço de 2014, da Central de Atendimento da Mulher (ligue 180)<sup>1</sup>, onde foram realizadas no Brasil 52.957 atendimentos de violência contra mulher, deste número: 51,68% foram de casos de violência física; 31,81% de casos de violência psicológica; 1,94% de casos de violência patrimonial; 2,86% de casos de violência sexual; 1,76% de casos de cárcere privado e 0,26% de casos de tráfico de pessoas. A pesquisa também condiz com a reflexão do patriarcado, este que é um entrave para a consolidação do eixo de “promoção da igualdade entre os sexos e a autonomia das mulheres”<sup>2</sup>, propostos como um dos objetivos do milênio no Brasil.

### Metodologia

Os filmes são utilizados como instrumento metodológico, visa-se por meio de imagens problematizar a relação de dominação-exploração, pautada em valores androcêntricos. Pois

<sup>1</sup> Para ter acesso na íntegra do relatório acesse: < [http://www.spm.gov.br/central-de-conteudos/publicacoes/publicacoes/2015/balanco180\\_2014-versaoweb.pdf](http://www.spm.gov.br/central-de-conteudos/publicacoes/publicacoes/2015/balanco180_2014-versaoweb.pdf)>

<sup>2</sup> Para ver mais acesse: < [http://www.ibge.gov.br/paisesat/main\\_frameset.php](http://www.ibge.gov.br/paisesat/main_frameset.php)>



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

compreende-se que o filme não se restringe a um simples Acôlonar de histórias cotidianas, mas sim, pode ser entendido como uma complexa máquina com propriedade de sintetizar discursos que utilizam-se da semiótica, ele tem o poder de envolver o espectador, fazê-lo sentir-se participante, além de poder ser visto e revisto, discutido e analisado. Na vida cotidiana, as ações do sujeito, raramente são pausadas, revistas, e dificilmente são interrompidas, devido as respostas automáticas cristalizadas no imaginário, e que devido a não reflexão do atuar social, acaba-se por reproduzir as ideologias que circulam socialmente como legítimas. Considera-se, que ao conduzir a rotina do dia a dia, pouco se problematiza. O que contribui para que as relações de poder gestam-se livremente, sem nenhuma resistência.

Propõe-se ao espectador um mergulho em outra realidade, ou se assim entender, numa projeção desta, o convite está feito. Visa-se a análise que ultrapasse as barreiras objetivas, onde o olhar subjetivo possa incidir sobre o micro cosmo, por meio do recurso cinematográfico, por entender que o cinema e a sociedade estão intrinsecamente relacionados e, que o processo de construção do cinema é marcado pela ação do seu produtor, o qual deixa as marcas de sua humanidade. Para Morin (1997), a imagem projetada, não pode ser dissociada da presença do mundo no homem e, nem da presença do homem no mundo. A imagem é uma presença vivida e uma ausência real, uma presença- ausência. Esta só pode ser criada e entendida, por meio da ação do homem. Com base neste entendimento busca-se problematizar como os valores sociais são engendrados, e desvelar os antagonismos encobertos sobre uma suposta naturalidade das condutas sociais.

O filme escolhido para esta análise conjunta entre teoria e representação iconográfica é o “Cor Púrpura” (The Color Purple) do diretor Steven Spielberg, considera-se que ele capta com precisão a forma como o patriarcado se articula, bem como, a relação imputada ao indivíduo marcado pelo determinismo de gênero/sexo e/ou raça, quando estabelecida no modelo patriarcal de ação social.

### **Resultado parcial da discussão**

O gênero é uma categoria analítica, carregada de historicidade, que se apresentam em processo contínuo, sendo concebido enquanto categoria em aberto e de amplitude, corriqueiramente é associada à construção social do masculino e do feminino, diz respeito não apenas, às formas como homens e mulheres se relacionam, mas também, como se dará a relação entre homem-homem e mulher-mulher. No filme a Cor Púrpura, em vários momentos é possível analisar a relação de gênero, porém sobre endossa do patriarcado.

A relação homem –mulher, pode ser percebida na relação em que Célie (Woopi Goldberg) estabelece com o marido Albert (Danny Glover) ou; na relação de Célie com seu pai (Leonard Jackson).

A relação mulher-mulher pode ser dimensionada na relação de cumplicidade estabelecida entre Célie e sua irmã Nettie (Akosua Busia), ou ainda, de forma conflituosa, quando Shug Avery (Margaret Avery) conhece Célie, a relação estabelecida entre Shug e Célie não será a mesma durante toda a película, esse fato que possibilita e/ou permite ao espectador interpretar que as relações sociais não são estáticas, elas estão em pleno movimento e podem alterar-se a qualquer



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

momento, desde que haja esforço cognitivo para conseguir enxergar o outro para além das falsas aparências que o circundam.

A relação homem-homem pode ser ilustrada pela relação firmada entre Albert e o seu pai (Adolph Caesar), uma vez que o não cumprimento das projeções sociais entendidas como padrão, conduz a “desonra” familiar, pode-se citar a relação de Albert e seu filho Harpo (Willard E. Pugh), que segue pelo mesmo esquema de aconselhamento para o uso “legítimo” do poder sobre sua esposa, emanado da ordem patriarcal.

Segundo Bourdieu (2002), o gênero também pode ser concebido como: sistema de transferências práticas e/ou metafóricas de significações inscritas no mundo social, objetivado nas coisas, que serve como mecanismo de recuperação dos valores engendrados no inconsciente. Quando Albert abarca a caixa de correio como sua propriedade e restringe a aproximação de qualquer outra pessoa da mesma, especialmente a de sua esposa Célie, sob a ameaça do uso da violência, caso haja violação desta regra, a imposição subjetiva do poder, também é simbólica e objetivada em uma coisa, neste caso a caixa de correio; o não cumprimento da regra materializar-se-á na agressão física. A autoridade de Albert é marcada no imaginário de Célie por meio do condicionamento social da dominação-exploração o que a fará não violar a regra, mesmo estando à espera de uma carta que possa restabelecer o vínculo de afeto dela para com a sua irmã Nettie.

As construções dos corpos e das sexualidades e das percepções que se têm não escapam a este processo. A produção daquilo que se é, se faz “em torno do “aqui” de meu corpo e do “agora” do meu presente... Este “aqui” e “agora” é o foco de minha atenção !..!” (Berger & Luckmann. 2009,p.38), é do presente, da vivencia que retira-se a significação e, no corpo esta significação transforma-se em conduta.

Contudo, a representação da identidade de gênero relaciona-se à forma como os meninos e as meninas, são educados e, em como estão dispostos e são oferecidos os referenciais de sexo com os quais eles se identificarão. Aqueles vão desde as brincadeiras incentivadas ou não a cada criança, as ações que são reprimidas e /ou incentivadas e mesmo, à forma como elas são vestidas.

A apreensão da imagem que Célie constituiu de si própria, é cruel, e teve por base a influência exercida pelo pai, não há referência retratada pela madrasta de Célie, nem dá mãe, pois ambas faleceram no início do filme. Comportamentos de repreensão marcaram a forma como Célie se apresenta, foi delineada, aos 14 anos quando seu pai, a repreende pós-manifestar um sorriso, alegando que ela tinha um sorriso feio, a partir deste momento, Célie passa a tapar o seu sorriso com a mão, característica esta, que lhe acompanha uma boa parte da trama.

As atividades cotidianas que a criança usufrui, são elementos essenciais para o enfrentamento da constituição de sua identidade com o todo, e assim também o é, em relação à identidade de gênero.

O que faz com Nettie, Célie ,Shug tenham comportamentos tão diferentes uns dos outros? Apesar de todas serem mulheres de um mesmo tempo histórico e terem vivenciado as regras (exploração-dominação) do patriarcado, a resposta está nas vivências experimentadas por cada uma delas. A medida, em que, o individuo cresce e passa a construir sua trajetória pessoal de vida fora da instituição familiar, pode ter ou não, contato com outras micro-esferas sociais: escola, meio artístico, etc., dependendo da ação realizada, este momento, pode constituir-se em um movimento de valorização de um esquema de comportamento em detrimento de outros, o que poderá contribuir



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

para que alguns ritos, princípios ou tradições (tradição familiar (privada), sejam colocados em um segundo plano, ou mesmo abolidos de sua prática.

Este movimento é entendido como re-significação de valores culturais, ou seja, à medida que se re-significa as interpretações, também realinha se as formas de intervenção social. Por meio, deste movimento dialético, é que se (re)constituí o comportamento humano, a subjetividade e a também denominada identidade social, esta determinante enquanto mecanismo direcionador de conduta social, frente às escolhas e posicionamentos futuros.

A localização geográfica e outros aspectos como: formas de consumo, a idade, a classe social, etc., são demarcadores de “padrões sociais” tipicamente esperados dos indivíduos. Independente de qual sociedade analisa-se, é possível encontrar modelos pré-dispostos de papéis sociais determinados aos que possuem genitálias, culturalmente entendidas, como femininas e como masculinas. Pode-se, visualizar este fato no filme, quando os filhos de Célie, migram dos Estados Unidos para a África com os pais adotivos em missão evangélica, neste quadro são apresentados os papéis sociais específicos aos sexos/gêneros, feminino – masculino, mesmo se tratando de uma outra realidade sócio-geográfica.

Quando os paradigmas sociais são construídos a partir de uma visão androcêntrica, que privilegia os esquemas de oposição para a ordenação do cosmos, transforma-se as diferenças presentes no corpo feminino e masculino, numa percepção cultural arbitraria sobre os aspectos biológicos, que legitimam a relação de dominação-exploração e, se constrói socialmente, uma dóxica de hierarquização de cunho patriarcal.

Esta legitimidade construída sobre a relação dominação-exploração, que tem por base a deturpação da natureza, e a imputação de um papel social de subalternidade a um grupo de indivíduos, não pode ser aceito como natural, mas sim, como produto social, visto que se estabelecem critérios para um realinhamento social que mantém o domínio de um grupo social em detrimento de outro e, reforça-se a idéia de inclusão/exclusão, tendo por base uma “razão natural”. Considera-se que natureza e cultural são complementares e não dicotômicas.

Crerios como os de “raça e de sexo”, fornecem uma espécie de triagem, de atribuição de *status social*<sup>3</sup>. Dependendo da combinação ou agrupamento destes critérios “secundários”, pode sinalizar uma posição social diferenciada, por exemplo: mulheres brancas possuem maior prestígio social do que mulheres negras, assim como homens brancos possuem maior prestígio social do que mulheres brancas. A sociedade constrói uma complexa gramática sexual que é, na mesma medida, também racial. Exemplificando: Quando Sofia (Oprah Winfrey) mulher negra e pobre, se coloca contrária a imposição da Sra. Millie (Dana Ivey) mulher branca e rica, as pessoas que testemunham o desentendimento verbal, colocam-se a favor da Sra. Millie e, buscam “neutralizar” Sofia. As cenas nas quais há a interação entre Sofia e a Sra. Millie merecem atenção, são significativas para a interpretação decorrente das mesmas. Explicita-se o recorte do status social, quando a Sra. Mille utiliza a famosa frase (aos gritos) “/.../ Vocês sabem quem sou eu? A mulher do prefeito/.../”, esta atitude simboliza o recobrimento social da ordem societária, com base nos privilégios de uma classe sobre a outra.

<sup>3</sup> Ver mais em: Marshall. Cidadania e Classe social. Zahar



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

Para uma análise adequada de este esquema é necessário que se tenha a percepção de que o patriarcado não é acionado unicamente pelos homens, mas também o é pelas mulheres. A própria Célie, torna-se cúmplice do mecanismo do patriarcado, quando seu enteado Harpo (Willard E. Pugh) pergunta o que ele deve fazer para conseguir se relacionar melhor com Sofia (sua esposa), e Célie responde: “*Bata nela*”. Com a pronúncia dessa frase, ela aciona a engrenagem que movimentava a estrutura de reprodução do sistema de dominação-exploração patriarcal. Ela reproduz ao enteado uma ação, que já havia sido sinalizada como a adequada por Albert, o pai de Harpo.

Por meio de algumas cenas do filme “A cor Púrpura”, pode-se constatar, que tanto os homens quanto as mulheres, contribuem para a reprodução e perpetuação deste sistema social desigual, talvez, não intencionalmente, o que demarca que a reprodução de conduta pode estar fundamentada no imaginário. A desconstrução da facticidade imputada pelas imagens cristalizadas dos papéis de feminilidade e masculinidade, requer deliberado esforço reflexivo, por contrapor-se a naturalidade com que se vive a rotina do cotidiano. Afirma-se, assim como Berger & Luckmann (2009, p.41) de que é preciso reorganizar a forma como se vivencia o cotidiano, pois “*/.../ enquanto as rotinas da vida cotidiana continuarem sem interrupção são apreendidas como não problemáticas*” e, portanto não promotoras de transformação social.

### Conclusão

Feito essa breve contextualização da forma de apresentação do patriarcado, desvelou-se de forma simplificada alguns dos seus artifícios de alienação frente à construção da representação imaginária legítima. Esta representação é subjetivada, como correta pelos indivíduos que passam a reproduzi-la automaticamente, sem indagações.

A discussão apresentada buscou por meio de análise que extrapola as barreiras discursivas habituais, ao inquirir sobre a naturalidade com que o sujeito vive-se a rotina cotidiana, assim como, utiliza-se de outros tipos de linguagem para apreensão da relação exploração-dominação que resulta em outra relação, esta de inclusão-exclusão social. Em vários trechos abriu-se a discussão sobre o quanto relevante se faz a reflexão dos paradigmas impostos por meio das instituições sociais, e sobre como apresenta-se organizado o mundo social, de modo a favorecer a desestabilização de valores e de aceitação de uma sociedade pautada no determinismo biológico de sexo e/ou de raça.

Por meio do esforço cognitivo e da implosão dos determinismos sociais, é que se poderá sonhar com uma realidade social, pautada na participação e respeito às alteridades. A projeção de um sonho motiva a produção humana e a de uma sociedade mais justa e igualitária.

### Referências Bibliográficas.

ALVES, B. M.; PITANGUY J. **O que é feminismo**. São Paulo: Brasiliense, 1981

BERGER, Peter L. **A construção da realidade social: tratado de sociologia do conhecimento** /Peter Berger e thomasLuchmann, 31ªed.; tradução de Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis:Vozes, 2009. Tradução de: The Social Construction of Reality.



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

BERNARDI, Jean. *Grande Cinema*. São Paulo: Árvore da Cultura: Brasiliense, 1985

BOURDIE, Pierre. *A dominação Masculina*/ Pierre Bourdieu; tradução Maria Helena Kühner-12ºed. –Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

DURANT, Gilbert. *Imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. Rio de Janeiro: Difel, 2010

GUERREIRO, Silas (org.) *Antropos e Psique: O outro e sua subjetividade*. 1º ed. São Paulo: Editora Olho d'Água, 2001.

MORIN, Edgar. *Cinema ou o Homem imaginário*. Relógio D' Água Editores, 1997.

ROSSET, Clément. *O Real e o seu Duplo: ensaio sobre a ilusão*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008

SILVA, Elizete Conceição. *Subjetividade e cinema: vida\arte\vida* / Elizete Conceição Silva; prefácio Edgar de Assis Carvalho - Maringá: Eduem, 2012